# FATOSEFOTOS

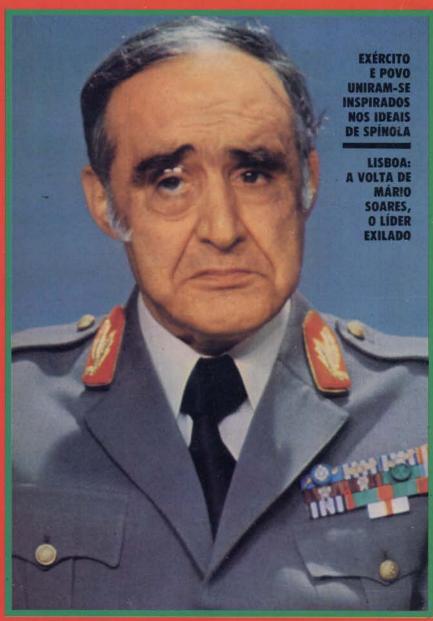
BRASILIA, 13 DE MAIO DE 1974 — N.º 664 — ANO XV — CRS 6,00 — MANAUS E BELEM (VIA AEREA) CRS 7,00 — PORTUGAL ESC. 20500.

# COMPLETA PORTUGAL NA HORA DA VITÓRIA









Brasília, 13 de maio de 1974 — N.º 664 — Ano XV — DPF/DCDP — 240.P.209/73

## FATOS

#### A Comparação

■ Os jornais de Portugal deram grande destaque ao comentário feito pelo jornal francês Le Monde, que comparava o General Spinola, presidente da Junta de Salvação Nacional portuguesa, ao falecido General De Gaulle. A comparação baseia-se no fato do General De Gaulle, grande patriota, ter introduzido reformas com apoio militar e ter sido o iniciador da descolonização.

#### As Reformas

Para o jornal londrino Daily Telegraph, pareciam bastante improváveis que as reformas delineadas pelo General Spinola possam ser implantadas rapidamente sem risco de criar o caos. Para o diário, com exceção da menção de eleições livres dentro de um ano, nenhuma "tabela horária" foi descrita para o cumprimento das restantes promessas.

#### A Revelação

■ O Diário Popular de Lisboa publicou reportagem dando conta de que Paris é a terceira cidade do mundo em população portuguesa. Atualmente trabalham lá 812 mil portugueses, "constituídos por jovens mal pagos, dóceis e que se sujeitam à execução de trabalhos insalubres".

#### A Golpada

■ Enquanto iam caindo os últimos redutos salazaristas, o lisboeta podia optar por um programa cinematográfico no qual, entre outros, figuravam os seguintes filmes: Eusébio, a Pantera Negra, As Ordens de Vossência, com Cantinflas, e o filme norte-americano The Sting, que no Brasil chama-se Golpe de Mestre e em Portugal recebeu o título de A Golpada.

#### A Reação

A primeira reação de um governo europeu foi da Alemanha Federal que, num cauteloso comunicado, formulou à Junta Militar "votos para que a situação em









## PORTUGAL, HOJE

REPORTAGEM DOS ENVIADOS ESPECIAIS DIRCEU NASCIMENTO E FRAN-CISCO TÁVORA. Maria do Amparo e Téia Sequerra (da Sucursal de Lisboa). Selma Chvidchenko, Lia Blower, Gratia Dei Braga, Ángela Regina Cunha (Pesquisa). William Annoni (Brasília). Pedrosa Filho e Elizabeth Aizim. Fotos: Antonio Ferreira, Carlos Gil, Francisco Ferreira, Abel Fonseca e Miranda Castela (Lisboa). Rolnam Pimenta (Brasília). Moacir Gomes e Hugo Góes. Agências GAMMA e AP

Portugal evolua para o bem-estar do povo português".

#### A Expulsão

■ As relações do governo deposto com a Igreja Católica vinham se agravando progressivamente. Nas colônias a posição dos padres era de ostensiva repulsa à maneira como os portugueses tratavam os nativos. O coroamento da crise foi a expulsão de onze missionários italianos de Moçambique, na semana passada.

#### Os Novos Nomes

A revolução vai se refletindo até na toponímia. A Rua 31 de Janeiro, do Porto, data cara ao salazarismo, foi rebatizada com seu antigo nome de Rua Santo Antônio. Na localidade de Calheta, na Ilha da Madeira, o nome de sua principal avenida foi trocada para Antônio de Spínola.

#### O Código Morse

Os presos políticos da prisão de Caxias receberam a comunicação de que o governo caira de forma original. Um automóvel, após a vitória dos revolucionários, parou à porta da prisão e transmitiu uma mensagem, através da buzina, em Código Morse.

#### O Feriado

■ Um dos primeiros decretos-lei instituído pela Junta militar proclamava o 1.º de Maio como feriado nacional. Portugal era dos raros países que não comemorava essa data. Mas este ano a efusão foi contagiosa, com manifestações populares no Terreiro do Paço e arredores.

#### **Ficou Tonto**

■ Em São Paulo, o jornalista João Apolinário não escondia sua satisfação. Após quase meio século de salazarismo o crítico teatral de 50 anos disse ter renascido, tonto ao respirar o ar da liberdade. Afirmou sua confiança no futuro de Portugal e a crença de que o país não tornará a cair em regime semelhante.

PELA PRIMEIRA VEZ EM 46 ANOS, O POVO SAI ÀS RUAS PARA MANIFESTAR-SE LIVRE E FESTIVAMENTE



Em clima festivo, o General Antônio de Spínola assume o poder.

Embora ainda seja cedo para se prever os destinos políticos da revolução que pôs fim a 46 anos de regime salazarista, uma coisa é certa: o movimento de 25 de abril foi recebido entre explosões de alegria em Lisboa e levou o povo a referir-se à velha pátria como o Novo Portugal. Assim, enquanto a Junta de Salvação Nacional, chefiada pelo General Antônio Ribeiro de Spínola, vai traçando os primeiros rumos a seguir após a tomada do poder, os portugueses, nas ruas, comemoram felizes.





# PORTUGAL, FOJE



garantia nas ruas, o povo desfilou alegremente no centro de Lisboa — como em quase todo o país — agitando a bandeira de Portugal.

O GOSTO ALEG RE DA VITÓRIA,

## ENTRE TANQUES E FLORES, O VELHO PRESÍDIO POLÍTICO FOI TRANSFORMADO NUMA BASTILHA PORTUGUESA

25 de abril de 1974. Às 13 horas, forças rebeldes depõem o Presidente Américo Tomás e o Primeiro-Ministro Marcelo Caetano, controlam a situação em todo o país e conduzem ao poder a Junta de Salvação Nacional, chefiada pelo General Antônio Ribeiro de Spínola.

1.º de maio de 1974. Desde as 18 horas, gigantescas concentrações de populares, estudantes, políticos, homens, mulheres, portugueses do norte, do sul e de além-mar, são vistas pelas ruas de Lisboa, comemorando, pela primeira vez em 46 anos, o Dia do Trabalho.

Entre uma data e outra, Portugal terá vivido, nesta última semana, sete dos mais importantes dias de sua história neste século. Da queda do regime salazarista, iniciada quase de surpresa na madrugada de quinta-feira, à explosão de alegria do povo nas ruas, não só na capital mas em vários outros pontos do país, tal-Novo Portugal.

As primeiras horas que se seguiram à tomada do poder pelas forças rebeldes foram de perplexidade e incerteza. Perplexidade diante da rápida e inesperada ação das tropas que se deslocaram do norte do país até Lisboa para depor o governo em poucas horas. Incerteza porque não se sabia, àquela altura, até que ponto o movimento estava vitorioso - e se havia, ainda, possibilidade de choques armados.

A partir do momento em que as emissoras de rádio e televisão — assim como os jornais que pela primeira vez, em quase meio século, circulavam sem censura — confirmavam a queda do antigo regime e a ascensão de Spínola ao poder, um novo Portugal começou a surgir.

Nos quatro primeiros dias, o comércio, os bancos, as principais indústrias fecharam suas portas, enquanto Spínola, através de apelos divulgados pela imprensa, pedia tran-quilidade ao povo, a essa altura empenhado na perseguição aos agentes da PIDE, agora extinta e transformada no Departamento Geral de Segurança. Na segunda-feira, dia 29, o país começava a voltar à normalidade. E as emissoras de rádio ainda tocavam, em intervalos regulares, Grandola, Vila Morena, canção proibida pelo antigo regime (homenagem a uma cidade que se rebelara contra Salazari, que os rebeldes usavam como senha: "Em cada rosto igualdade, o povo é quem mais ordena..."







Exército e povo se confundem nas ruas agora cheias de Lisboa. A todo momento, um café, um refresco, biscoitos para os soldados que se mantêm permanentemente alertas, embora a vitória já esteja conquistada. Os portugueses da capital vibraram com a revolução.



lenciados ao longo de quase meio século de salazarismo — saem das escolas para exibir faixas que saúdam o novo regime e a liberdade.







A Prisão de Caxias foi convertida numa espécie de Bastilha portuguesa, símbolo do salazarismo. Dela foram libertados 79 presos políticos, enquanto mais de 200 agentes da PIDE eram ali recolhidos. Nos dias que se seguiram, todos — ex-prisioneiros, militares e povo — usaram flores como símbolo de sua vitória.

## DUAS CANÇÕES ESTÃO NA HISTÓRIA DESTA REVOLUÇÃO. UMA DELAS FOI A SENHA PARA A VITÓRIA FINAL

No dia seguinte à tomada do poder, tanques rebeldes cruzavam as ruas de Lisboa. O povo, que na véspera se trancara em casa, saju para homena

### Uma canção — E Depois do Adeus, de Paulo de Carvalho — foi usada pelos rebeldes como senha para a mobilização das forças. Outra canção — Grandola, Vila Morena, de José Alfonso era a ordem para que o golpe se desencadeasse

### GRANDOLA, VILA MORENA

DE JOSÉ AL FONSO

Grandola, vila morena Terra da fraternidade, O povo é quem mais ordena Dentro de ti, ó cidade

Dentro de ti. ó cidade -O povo é quem mais ordena Terra da fraternidade. Grandola, vila morena

Em cada esquina um amigo Em cada rosto igualdade Grandola, vila morena

Terra da fraternidade, Grandola, vila morena Em cada rosto igualdade O povo é quem mais ordena

À sombra de uma azinheira Que já não sabia a idade Jurei ter por companheira, Grandola, a tua vontade

Grandola, a tua vontade Jurei ter por companheira À sombra duma azinheira Que já não sabia a idade.









Bandeiras portuguesas tremulam por toda a parte numa festa como não se via há muito.



Antes que o pais voltasse à normalidade, o desfile permanente de tropas e viaturas.



A alegria dos jovens, enquanto, nas paredes, velhos cartazes são esquecidos.



curou deixar clara a sua posição quanto às províncias ultramarinas: em lugar de uma propalada e imedi-ata descolonização da África, a Junta de Salvação Nacional — segundo as palavras do próprio Spínola procuraria estudar um processo de autodeterminação, de duração indeterminada, que permitisse a escolha "entre a independência definitiva e a manutenção, ainda que com autonomia dos territórios africanos, de um sistema de vínculos com a Metrópo-

Na segunda-feira mesmo, representantes do Movimento Democratico Português, união antifascista de partidos de esquerda, entregaram a Spínola um memorando com uma série de 14 solicitações. Entre elas, a de destituição dos diretores das emissoras oficiais, bem como de órgãos de informação subvencionados pelo governo "para impedir a adulteração da opinião pública e a pressão ideológica": a imediata liberdade de funcionamento dos partidos; a prisão dos agentes de segurança da extinta PIDE: destituição de órgãos e funcionários públicos nomeados politicamente: permissão para retorno à pátria de portugueses exilados

#### O FESTIVO 1.º DE MAIO

Embora prometendo estudar - ou até mesmo atender - a maior parte das solicitações, Spínola se recusou a consultar a esquerda para a formação do novo governo e prometeu escolher, para ministros do seu gabinete, integrantes das Forças Armadas que atuaram no movimento de 25 de abril, embora representando várias tendências políticas:

- Só um gabinete formado por diversas correntes de opinião pode assegurar as eleições livres no futuro.

Durante as comemorações do 1.º de Maio - decretado feriado nacional em todo o país — a Junta procurou deixar o povo manifestar-se li-vremente, pedindo, apenas, modera-ção e fazendo dos chefes de cada grupo político os responsáveis por quaisquer incidentes.

Enquanto isso, no exterior, ao fim da primeira semana da Junta no poder, as reações eram de apoio a Spínola e a seus homens. O Brasil foi o primeiro país a reconhecer o novo governo. Os Estados Unidos, através do seu Departamento de Estado, divulgaram nota oficial informando que suas relações com Portugal con-tinuavam as mesmas. Na África, as forças militares ali sediadas aderiam ao movimento. E passaram a aguardar que a Junta finalmente se decidisse sobre o novo caminho a seguir.

## ENCARCERADAS POR CRIMES POLÍTICOS, MAIS DE 100 PESSOAS FORAM SURPREENDIDAS COM ANISTIA GERAL

# Liberdade para os presos

Uma das primeiras medidas do novo governo português foi dar anistia geral a todos os prisioneiros políticos. Assim, presos como Palma Inácio, que desde 1947 estava na clandestinidade, puderam voltar à vida normal. Enquanto isso, os "pides" eram perseguidos e levados para o presídio de Caxias.

SCREVO sob a maior ecomeçar. As últimas horas foram, para mim, simultaneamente as mais angustiosas e as mais inesperadas de sempre. Vivi-as minuto a minuto, segundo a segundo, apaixonadamente. Para mim, prisioneiro em Caxias, tudo começou realmente sexta-feira de manhã, quando no terraço da cadeia, por baixo da minha janela, vi os meus camaradas da imprensa. acompanhando os militares. Não posso me esquecer quando os páraquedistas e fuzileiros abriram nossas celas. Era inacreditável.

Fernando Correia, redator do Diário de Lisboa, foi um dos muitos presos políticos que foram anistiados pelo governo do General Spínola. Apenas os prisioneiros que também tinham processos de delito comum não sairam

#### PALMA INÁCIO TAMBÉM LIVRE

Hermínio da Palma Inácio, um dos mais ferozes inimigos do salazarismo, mal pôde acreditar quando se

- Isto é maravilhoso. Que coisa linda um Portugal livre! Oxalá não seja só uma liberdade de 12 meses. Não estava em liberdade desde 1947. Vivo na clandestinidade desde aque-

Na rua, o povo esperava por seus filhos. Queria revê-los. Um capitão acalmava todos, consolando:

- Tenho cá um filho e tê-lo-ei muito em breve nas mãos. Tem 20 anos e está cá há cinco meses

Os que saíam tratavam de dar hurras, abraçar-se com seus familiares e com os militares. No dia seguinte, também os presos do Forte de Peniche, onde havia cerca de 22 presos políticos, foram soltos.

Outros portugueses, oposicionistas ao regime derrubado, que estiveram também nas prisões da PIDE, voltaram. É o caso de Mário Soares e Álvaro Cunhal, entre outros.



HOJE

Inácio, um dos maiores inimigos do salazarismo, prepara-se.





ufórico, para abraçar um companheiro, logo após ser solto.



Os familiares dos presos políticos foram festejar a liberdade dos parentes na fortaleza de Caxias. À esquerda, o lider que retornava, Mário Soares, com o Gen. Spínola.





Alguns jovens foram às ruas exigindo medidas severas contra os policiais.

### O FIM DA TERRÍVEL PIDE

gabinetes e celas da extinta PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), ultimamente DGS (Departamento Geral de Seguran-ça), da Rua Antônio Maria Cardoso, bem no centro da florida Lisboa, sua sede, deixaram de ser, após várias décadas, "a subida para o inferno", como diziam apavorados os portu-

A temivel policia que durante 48 anos sustentou o governo salazarista foi totalmente exterminada e os seus membros encarcerados. nclusive o Major Fernando Eduardo da Silva Pais, seu diretor-geral. Mas perto de 200 policiais, entretanto, conseguiram escapar da cadeia e da fúria popular, fugindo por um túnel subterrâneo secular que ligava a sede da DGS (antigo palácio dos Braganças) a um outro pré

Durante as lutas travadas entre o Exército e a DGS (único foco de resistência à Revolução de 25 de Abril), morreram cinco pessoas, sendo dois policiais. Após a rendição, o povo ten-tou linchar alguns "pides", mas o Exército evi-tou. Dentro do prédio, o Major de Cavalaria Carlos de Campos Andrade, comandante da operação, mandava que os retratos a óleo de Salazar, Marcelo Caetano e Américo Tomás

Algemados, rostos tristes e derrotados, os policiais foram entrando nos carros do Exército, debaixo de vaias e ameaças. Quando chegaram ao presidio de Caxias, os presos ainda festejavam a anistia geral com os familiares



Acima, o momento em que o diretor-geral do DGS, Major Fernando Eduardo Silva Pais, deixava a sua residência, escoltado por fuzi-

## DEFENDENDO UMA SOLUÇÃO POLÍTICA PARA A QUESTÃO AFRICANA, SPÍNOLA CONQUISTOU A SIMPATIA POPULAR

roblema africano, combatendo os guerrilheiros na





Armados de metralhadoras, os guerrilheiros, homens e mulheres, transformaram num inferno a vida dos portugueses na África. Obrigados a cumprir um serviço militar de quatro anos de duração, os jovens soldados (à direita) viam com alegria a hora de voltar para casa, livrando-se dos perigos do ultramar.







# PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS

Infestadas por guerrilheiros negros, Angola, Moçambique e Guiné as três mais importantes províncias do ultramar português transformaram-se nos últimos anos em gigantescos sorvedouros de soldados e divisas. Mais do que a importância econômica dos ricos territórios africanos, o povo de Portugal sempre deu valor a seus filhos, que viajavam para morrer emboscados nas florestas. Defendendo a solução política para o problema, o General Spínola movimentou a opinião pública, provocando a queda de um regime que durou praticamente meio século. Agora, Portugal está diante do futuro.

## O estopim da rebelião





## ANGOLA

■ Com 1.246.700 quilômetros quadrados, Angola é suficientemente grande para conter, juntos, os territórios de Portugal, Alemanha Ocidental, França e Espanha. De sua população de 5.225 mil habitantes, cerca de 400 mil são europeus (quase todos portugueses residentes), ficando em 40 mil o número de mestiços europeus-africanos. Apesar dos movimentos de guerrilhas, este território ultramarino encontra-se num estágio de franco desenvolvimento econômico a taxa de 10% anualmente.

Entre os principais produtos de exportação angolanos, os de maior destaque são o milho, fumo, sisal, café (4.º produtor mundial), minérios de ferro, diamantes e petróleo. Em 1972, o volume de exportações chegou a 492 milhões de dólares (Cr\$ 3,2 bilhões). No mesmo período, po-rém, as autoridades portuguesas em Angola foram obrigadas a importar Cr\$ 2.6 bilhões em equipamentos de transportes, maquinaria em geral, tecidos, ferro e aço. De acordo com dados recentes, o produto nacional bruto ultrapassou a casa dos Cr\$ 9 bilhões, com uma renda per capita de 220 dólares (Cr\$ 1.430,00).

■ Considerada província ultramari-783.030 quilômetros quadrados e tes, composta, em sua maioria absoluta (97%0, por nativos negros. Há, porém, 200 mil europeus radicados, todos eles originários de Portugal, 20 mil asiáticos e 40 mil mestiços. A capital de Moçambique, Lourenço Marques, é uma cidade de 250 mil habitantes, moderna e com um movimentado comércio de produtos europeus

Seus produtos agrícolas de exportação são a cana-de-açúcar, algodão, castanha-de-caju e sisal. Mas as maidescobertas ultimamente: berilo, bauxita, carvão e, também, urânio. Suas importações, a maioria delas realizadas em acordos com os países da Europa Ocidental, são de equipamentos industriais, maquinaria, petróleo e tecidos. De acordo com levantamentos recentes, o produto nacional bruto atingiu Cr\$ 6,5 bilhões, enquanto a renda per capita fixou-se em Cr\$ 850,00.

■ Governada pelos portugueses há na de Portugal e parte integrante de mais de 500 anos, e transformada seu território, Moçambique tem em Província Ultramarina em 1951, a Guiné Portuguesa é um território uma população de 7.040 mil habitan- de 36.125 quilômetros quadrados. com 527 mil habitantes pertencentes a diversos grupos étnicos. A capital, Bissau, tem apenas 26 mil residentes fixos. Em setembro do ano passado, a proclamação da independência foi anunciada pelo chefe dos rebeldes, Luís Cabral, que tornou-se presidente da República Guiné-Bissau, não reconhecida por Portugal, embo-ra tenha sido pelas Nações Unidas e seus organismos

O comércio da Guiné, centralizado na capital, está inteiramente nas mãos dos quatro mil europeus ali reores riquezas do território só foram sidentes, restringindo-se a exportações de arroz, palmito e castanha. Para Portugal, que ainda controla parte do território da Guiné, o futuro e o desenvolvimento econômico da provincia dependem da descoberta de jazidas de petróleo, ouro e bauxita, que estão sendo pesquisados por empresas alemás e norte-americanas. A agitação interna, porém, tem prejudicado as sondagens e esca-

Bem no centro de Lisboa, na Avenida da Liberdade, o povo manifesta sua alegria. A derrubada de Caetano por Spinola é uma plataforma democrá

## **Embaixador** José Hermano Saraiva

"REPUDIAMOS O **RACISMO E NÃO ACEITAMOS QUE A** COR DA PELE POSSA **DEFINIR FRONTEIRAS**"



Embaixador José Hermano Saraiya sua mesa de trabalho.

Na sede da chancelaria da Embaixada de Portugal em Brasília, o levante militar chefiado pelo General Spinola parecia "um fato de há muito esperado". Não havia nenhum sinal de apreensão ou nervosismo pela falta de informações oficiais sobre a rebelião em Lisboa e em outras cidades portuguesas. Uns poucos funcionários da portaria discutiam a situação diante dos repórteres, munidos de um pequeno rádio transistor, transformado na única fonte de notícias sobre a revolução em Portugal, Também o Embaixador José Hermano Saraiva só tinha acesso, no seu gabinete, a informações chegadas pelos noticiários radiofônicos. Conhecedor profundo da História do Brasil e estudioso da comunidade luso-brasileira, ele homenageia o nosso país através de um imenso cristal de rocha, colocado estrategicamente sobre

militar portuguesa - e dois meses após a publicação do livro Portugal e o Futuro, do General Antônio de Spínola, deflagrador da crise - o Embaixador José Hermano Saraiva discursou em Porto Alegre aludindo à data (22 de abril) consagrada à Comunidade Luso-Brasileira. Afirmou então sua crença "na paz autêntica, voluntária, fecunda, aquela que enraiza no amor e no respeito mútuo, a única em que os homens se podem encontrar como irmãos, filhos de Deus, iguais em sua sede de iustica e em seu direito à felicidade e à justa repartição dos bens do mundo". E enfatizou: "Por isso repudiamos o racismo e não aceitamos que a cor de pele possa servir de critérios à definição de fronteiras, que seriam outros tantos abismos a separar os homens e ameaçar a paz." Em outra parte de seu pronunciamento, afirmou o em

Três dias antes da insurreição

## A REVOLUÇÃO DE SPÍNOLA É, ANTES DE TUDO, MORAL. ELA CONSOLIDA O FIM DE UM REGIME DO PASSADO

## O SALAZARISMO MORREU COM SALAZAR



tica para o futuro português.

baixador de Portugal no Brasil: "Cremos na cultura como o único fator que pode trazer os homens de todas as condições, lugares e raças da Terra à comunhão dos sentimentos que irmanam e à aceitação dos ideais que reúnem. Cremos na cultura e aceitamos toda a responsabilidade dessa nossa crenca, continuando hoje no mundo - os portugueses na África, os brasileiros na América — o dever sagrado de trazer à plenitude da civilização a totalidade das populações nascidas nos territórios nacionais." O Embaixador José Hermano Saraiva, falando a FATOS E FOTOS, concordou em ver no seu pronunciamento do dia 22 de abril vários pontos coincidentes com o pensamento do General Spinola, que alguns funcionários mais graduados da chancelaria definem como "um pensador, talvez o único pensador português nos últimos 40

O jornalista e escritor David Nasser, autor de Portugal, Meu Avozinho, livro que conquistou o Prêmio Camões de 1966, acentua que a atual revolução portuguesa está muito longe de significar a independência de Angola, Moçambique e de outras províncias ultramarinas



RATA-SE de um movimento interno contra o regime que governava o país, e não para a libertação das antigas colônias.

Embora a queda deste regime só agora se tenha efetivado, David Nasser acha que o salazarismo já havia morrido com Salazar.

- O monge que dirigia o Es-tado Português não se apoiava numa ideologia ou num método de governo, mas em seu prestígio pessoal e no exemplo de sua vida. Morto Salazar, a simples convocação de Marcelo Caetano fez com que os portugueses imediatamente passassem a sonhar com as liberdades naturais que lhes eram negadas em nome da ordem ibérica e africana. O homem comum português, da cidade, sabia da impossibilidade do mestre de Direito, que era Marcelo Caetano, conciliar uma nova política no ultramar com a abertura no Portugal europeu. Bem que ele tentou, antes do General Spínola, mas deu com os burros n'água.

David Nasser considera pura ilusão acreditar-se que a independência de terras "banhadas com o suor e o sangue de tantos portugueses" ve-nha a partir de Lisboa. E cita o próprio livro de Spínola:

QUEM o leu sabe que isso é uma utopia. O último vínculo virá romper-se naturalmente, como aconteceu com o Brasil. E é até possível que seja um português que o faça. Mas querer que um D. João VI faça o papel de D. Pedro I é brincar com a História.

David Nasser lembra que o General Spínola imagina uma confederação afro-portuguesa, cada qual com o seu parlamento e suas leis, mas com sede em Lisboa. E diz que, se a Inglaterra, a França, a Bélgica e ou-tras nações colonizadoras não conseguiram tal facapha, dificilmente Portugal o fará. E acrescenta

Omérito do golpe de Spí-nola é de ter avançado os ponteiros da História, suprimindo uma etapa para a libertação total dos futuros brasis da África. Tudo virá naturalmente, no tempo certo, como um parto sem dor de 7 de se-

Na opinião de David Nasser, os homens que deixaram o governo e



aqueles que o assumiram não são diferentes e provavelmente pensam da

- CREIO que Marcelo Cae-tano, se tivesse as condições profissionais do General Spínola, faria o mesmo. Acontece que, no meu entender, o presidente da Junta de Salvação Nacional estabeleceu sua autolimitação na plataforma de seu livro e sabe que, se abrir de uma vez as comportas, corre o risco de transformar Portugal em colônia de Angola e Moçambique. As nações altamente industrializadas espreitam a hora de conquistar esses mercados consumidores e celeiros exuberantes.

David Nasser considera a PIDE um capítulo à parte, comparando-a à polícia de Getúlio Vargas.

 A revolução de Spinola, pa-ra mim, não é territorial ou econômica, porém moral. Se os antigos governantes não tinham meios de apagar a mancha policial que dividia o português em dois, tal qual a gestapo de Vargas fizera com o brasileiro, era preciso que um bravo general lusitano assumisse o poder e. com a esponia de sua autorida de e do seu passado de veterano da África, estabelecesse a liberdade individual que tinha na polícia política o seu maior entrave. Talvez o preço seja alto para o português europeu. Talvez suas terras africanas se emancipem. Mas, feitas as contas, a manutenção de 150 mil soldados no continente negro custa a Lisboa metade do seu orcamento.

NO livro Portugal Meu Avozinho, David Nasser afirmava que os brasileiros da geração de Vargas não podiam julgar os portugueses da geração de Salazar: "Não creio, nem de longe, que o sereno julgamento da História há de apontar Salazar como um exemplo a ser seguido pelos povos livres. Mas não poderá dizer que ele não soube ensinar o seu povo a não ser escravo." David Nasser acredita que os tempos tenham mudado. E também os métodos, tanto em Portugal como

— A FINAL, se Spinola era um general de Salazar, o golpe que deu em Marcelo Caetano não significa uma condenação ao passado, mas uma plataforma democrática para o futuro. Salazar, para ele, talvez fosse, no seu tempo, a única solução.

O jornalista recorda um dos três encontros que teve com Salazar, que lhe perguntou sobre a repercussão que tivera, no Brasil, a morte de seu ex-colaborador Humberto Delgado.

- Apior possível, respondi-lhe com franqueza. E então ele me confessou que a execução do general oposicionista pelos agentes da PIDE não tivera a sua aprovacão e esperava punir os responsáveis. Se isso foi feito, não sei. Só sei que Delgado teve o pescoço quebrado por um saco de batatas que lhe atirou um policial num armazém de secos e molhados. Aracari, a brasileira que o acompanhava, foi também eliminada, a tiros, para não ser a única testemunha.

David Nasser cita alguns de seus livros - Falta Alguém em Nuremberg, A Revolução dos Covardes e outros — para confirmar o que pensa da PIDE e de todas as polícias do ge-

SÃO manchas negras nas histórias das nações e dos governos que as encobrem. Para mim, que sempre considerei o homem um templo de carne, intocável qualquer que seja sua crença, cor ou ideologia, a revolução do General Spínola não foi para libertar Angola e Moçambique de Portugal, mas para libertar Portugal dos esbirros

## MESMO FORA DO PAÍS DE ORIGEM, ELES NÃO DEIXARAM DE ACOMPANHAR OS MOVIMENTOS DA REVOLTA

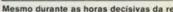
## O QUE OS PORTUGUESES NO BRASIL PENSAM DA REVOLUCÃO

Na Guanabara, como em São Paulo e outros estados brasileiros, os portugueses não ficaram alheios à revolução comandada pelo General Antônio de Spínola. Todos formaram opinião. Alguns, mais céticos, preferem aguardar um pouco mais para sentirem como ficará o país. Entretanto, ninguém discorda que realmente só uma revolta poderia salvar a nação portuguesa.









## PARA 62% O MOVIMENTO FOI UMA SURPRESA

Mil portugueses, de todas as categorias sociais e sexos, residentes no Brasil há mais de cinco anos, opinaram sobre a revolução portuguesa nesta pesquisa, especialmente encomendada ao Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) pela revista FATOS E FOTOS.

P) Para os	senhores a	revolução	em	Portugal
------------	------------	-----------	----	----------

Foi surpresa	62,9%
Já esperava que acontecesse	
Náo opinaram	0,4%

P) Na sua opinião essa revolução representa:

A vontade da m	naioria d	o povo	portugue	98	66,2%
A vontade da	minoria	da po	pulação	**	25,2%
Náo opinaram	***************************************			***	8,6%

P) Esta revolução vai trazer uma mudança na política interna de Portugal?

Sim	 82,4%
Não	 11,0%

Nao opinaram 0,0%
Dentre os que opinaram que essa revolução vai trazer uma mudança na política interna de Portugal:
Para melhor 74,6%
Para pior 19,1%
Não opinaram 6,3%
P) Esta revolução vai trazer uma mudança na política das colônias?
Sim 72,9%
Náo 18,1%
Náo opinaram 9,0%
Dentre os que consideram que essa revolução vai trazer uma mudança na política das colônias:
Para melhor 73,2%
Para pior 21,6%
Não opinaram 5,2%
P) Pessoalmente os senhores estão:
Plenamente de acordo com a revolução 42.9%

31 9%

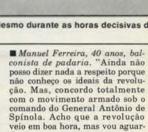
20.5%

4,7%

Concordam em parte

Não concordam

Não opinaram



■ Manuel Madeira Simões, 44 anos, balconista de bar. "Estou por fora da política. Soube da revolução pelos jornais, mas não tive nenhuma emoção. Do General Spínola pouco ouvi falar e nem sei como ele é. Dizem que ele era oficial no Ultramar. Não é isso mesmo? É só isso que sei.

■ Armindo Bastos, 37 anos, barbeiro. "Acho que aquilo lá vai ficar muito bom. O país precisava de uma política que resolvesse os problemas das colônias no território africano. O povo de Portugal estava muito oprimido e a imprensa nunca podia falar sobre o

que era necessário. Foi bom.' ■ Isaura Simões, 25 anos, balconista de armarinho. "Acho que a situação em Portugal melhorou bastante depois da revolução, pois o negócio lá era muito rigoroso. Quem falava era preso. Agora não, todos podem falar livremente o que quiserem e o que pensam!



volução, o General Antônio de Spinola era solicitado a autografar seu Livro Portugal e o Futuro.

## OTIMISMO E ESPERANÇA, UM CRÉDITO À REVOLUÇÃO





Frnesto Manuel



Fernando Andrade, 67 anos. auxiliar de gerência comercial. "Ainda é muito cedo para dizer qualquer coisa. Por isso não sei se a revolução foi boa ou ruim. Creio que todo o governo que trabalhe para o bem da nação é o bom. Recebi a notícia com indiferença, pois sou apolítico.' ■ Ernesto dos Santos Rodrigues,

23 anos, balconista comercial. "A revolução foi certa porque o governo não podia suportar os problemas das colônias. Agora o nível de vida lá vai melhorar. Só fiquei preocupado com os meus pa-rentes que moram no Porto. Mas tudo está bem melhor do que an-

■ Domingos Moreira Gomes, 56 anos, caixa de restaurante. "Sou a favor da revolução. Estamos em outra era, o mundo está avancando e Portugal estava totalmente parado. O que aconteceu é normal. Não sou político, mas acho que o mundo está evoluindo e todos os povos precisam de liberda-

Antônio Alves, 45 anos, sócio de uma firma comercial. "Se eu estivesse em Portugal participaria da revolução de qualquer maneira. Aquilo estava bem ruim. O povo não tinha liberdade para nada e a solução foi começar a emigrar!



## COMO VEJO A **REVOLUÇÃO**

A. Gomes da Costa, 40 anos, economista e administrador de empresas, é natural do Porto. Vive no Brasil há 20 anos e é o presidente da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras, órgão que reúne 160 entidades num total de quase 400 mil pessoas, entre portugueses e brasileiros. Para ele, a derrubada de um regime que durou quase meio século precisa da união de todos para assegurar o progresso e o bem-estar do povo português. "O salazarismo foi uma decorrência da revolução de 28 de maio de 1926, constituiu-se numa doutrina centrada em princípios que visavam manter a unidade da nação e acabar com as divergências partidárias e os desequilíbrios orçamentários. O movimento militar em Portugal, que culminou com a derrubada do salazarismo e com a entrega do poder à Junta presidida pelo General Antônio de Spinola, teve origens no problema ultramarino português. Quando, há poucos meses, o General Spinola, depois de brilhante campanha como soldado e estadista na Provincia da Guiné, publicou o livro Por tugal e o Futuro, expondo teses contrárias à política do governo, ficou patenteado que existiam profundas divergências na liderança governamental. Os acontecimentos acabaram por convergir para a rebeliáo militar, com suas inevitáveis conseguências políticas: queda do governo anterior e a formação da Junta de Salvação Nacional, que se propõe a conduzir o país para novas estruturas constitucionais. E nunca será demais lembrar que ninguém melhor que os portugueses para defender os interesses de Portugal. E se estamos abertos à cooperação, ao diálogo, ao encontro (nunca o deixamos de estar), saibam os outros povos corresponder a essa cooperação, a esse diálogo, a esse encontro sem ferir as aspirações permanentes do povo português, em sua presença pluricontinental e em sua vocação ecumênica."

Antônio

Simões



Armindo Bastos

Isaura